

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

SUZANA TOLEDO KOSSOVSKI

**UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE INTEGRAÇÃO ENTRE MUNDO  
DIGITAL E LITERATURA INFANTOJUVENIL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

SUZANA TOLEDO KOSSOVSKI

**UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE INTEGRAÇÃO ENTRE MUNDO  
DIGITAL E LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”

Orientador: Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**Uma proposta didática de integração entre mundo digital e literatura infantojuvenil**

por

**SUZANA TOLEDO KOSSOVSKI**

Esta monografia foi apresentada às 11:00 do 2 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Rio Negro - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

ROBERLEI ALVES BERTUCCI

marcio matiassi cantarin

Ana Paula Pinheiro da Silveira

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/83295FF5>

## RESUMO

O presente trabalho versa sobre a integração entre Literatura Infantojuvenil e Cultura Digital, com o objetivo de oferecer recursos para tornar a leitura de autores clássicos mais atrativa aos jovens. Inicia-se com a consideração das disposições da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os recursos do mundo digital. Em seguida, a fim de ilustrar a abordagem, optou-se pela obra “A reforma da Natureza”, de Monteiro Lobato, que serviu de base para os exercícios. Nela, a personagem Emília questiona tudo a sua volta, propondo alterações na própria natureza (questão que pode ensejar boas discussões em classe). Oferecemos exemplos de conteúdo virtual já disponível para enriquecer a leitura da obra, levando em conta a faixa-etária dos alunos e o atual contexto pandêmico que o mundo atravessa. Para que a integração com a obra selecionada se efetivasse, propusemos duas atividades em meio digital, uma por meio do aplicativo “Kahoot”, e outra através do aplicativo Mentimeter. No referencial teórico, o trabalho se aproxima de discussões atuais sobre o ensino e o mundo digital, tal como proposta na BNCC (BRASIL, 2018) e na bibliografia da área, sobretudo nos comentários de Gregorin Filho (2011), Barton e Lee (2015) e Zilberman (2012).

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil. Ludicidade. Mundo Digital. Monteiro Lobato.

## ABSTRACT

The present work deals with the integration between children's literature and digital culture, with the objective of offering resources to make the reading of classical authors more attractive to young people. It begins with the consideration of the provisions of the new National Common Curricular Base (BNCC) for the resources of the digital world. Then, in order to illustrate the approach, we opted for the work "The reform of Nature", by Monteiro Lobato, which served as the basis for the exercises. In it, the character Emília questions everything around her, proposing changes in the very nature (a question that can give rise to good class discussions). We offer examples of virtual content already available to enrich the reading of the work, taking into account the age group of students and the current pandemic context that the world is going through. For the integration with the selected work to take place, we proposed two activities in digital media through the application "Kahoot", and another with the digital mediaMentimeter. In the theoretical framework, the work approaches current discussions on teaching and the digital world, as proposed in the BNCC (BRASIL, 2018) and in the bibliography of the area, especially in the comments of Gregorin Filho (2011), Barton and Lee (2015) and Zilberman (2012).

**Keywords:** Children Literature. Playfulness. Digital World. Monteiro Lobato.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	8
2.1 As disposições da BNCC para a literatura infantojuvenil no contexto do mundo digital ..	8
2.2 A tecnologia nas competências gerais da BNCC .....	11
2.3 A leitura literária e o livro didático .....	12
2.4 As práticas artístico-literárias na BNCC .....	15
2.5 A literatura infantojuvenil .....	17
3 MEIO DIGITAL, LÍNGUA E LITERATURA.....	19
3.1 Recursos do mundo digital .....	19
3.2 Ambientes virtuais: consideração ao atual momento .....	22
4 PROBLEMATIZAÇÃO E ATIVIDADES .....	24
4.1 Para ambientes de aula presencial .....	24
4.2 Resumo da obra selecionada: A reforma da natureza.....	25
4.3 Sugestão de conteúdo virtual já disponível .....	27
3.4 Proposta de intervenção através do aplicativo “Kahoot” .....	28
3.5 Proposta de intervenção através do aplicativo “Mentimeter” .....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de uma inquietação recorrente para muitos docentes: como é possível integrar atividades de literatura infantojuvenil com as possibilidades presentes na cultura digital? Levando em conta que, na atualidade, o ambiente digital é uma realidade (que foi potencializada com a pandemia em curso), o problema que nós colocamos foi de avaliar a possibilidade de integrar elementos literários em práticas da cultura digital, de modo a nos aproximarmos da atual necessidade de ampliar as possibilidades de letramento.

Nesse sentido, o trabalho se justifica por ir ao encontro daquilo que se vê nos documentos parametrizadores nacionais, em especial a BNCC (BRASIL, 2018), que destaca o papel da escola na reflexão sobre as possibilidades desencadeadas no ambiente digital, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, sua justificativa se encontra na importância da promoção da leitura e da reflexão, estimulando o contato com o mundo letrado, em especial da literatura.

Por isso, tomamos como objetivo geral propor uma atividade de integração entre o ambiente digital e a literatura infantojuvenil. O intuito é de buscar vantagens que esse ambiente pode oferecer, ao mesmo tempo que pensamos oferecer uma prática de leitura distinta da que comumente se realiza no próprio cotidiano digital. Nesse contexto, estabelecemos três passos importantes para estruturar o trabalho.

Em primeiro lugar, procuramos descrever as orientações dos documentos oficiais sobre o trabalho com a literatura infantojuvenil e o uso de tecnologias digitais na escola. O trabalho se propõe a refletir sobre essas orientações, bem como sobre as possibilidades de aplicação em contexto escolar. Concluímos observando que as orientações oficiais são favoráveis a um ambiente de aula integrado, complexo, que possa articular conhecimentos distintos e situações de aprendizagem distintas por meio do ambiente digital.

Depois, nos propusemos a analisar os aspectos do mundo digital e da literaturainfanto juvenil que poderiam ser integrados a uma atividade prática. Observamos que, para os primeiros anos do Ensino Fundamental, o ideal seriam atividades simples, com marcado apelo lúdico, quanto que para os últimos anos, a interação linguística cresce relativamente em complexidade. Por isso, oferecemos como sugestão um questionário por meio da plataforma Kahoot e duas atividades de reflexão e interação sobre a obra A Reforma da antureza, através do aplicativo Mentimeter

Finalmente, conclui-se que a obra “A Reforma da Natureza”, de Monteiro Lobato, bem como os conteúdos complementares disponíveis na plataforma Youtube consultados, deixam margem para adaptação em diferentes níveis de ensino. A narrativa pode ser reelaborada tanto para alunos dos primeiros anos (2º a 4º ano) quanto do 5º ao 9º ano – para os maiores, inclusive, ele contempla um possível aproveitamento interdisciplinar, entre Língua Portuguesa, História e também Geografia.

Resumidamente, o livro narra o desejo de Emília de reformar todas as coisas que considera “inadequadas” em seu meio objetivo. Um exemplo é a transformação do livro à categoria de “comestível”, já que “sendo o pão do espírito” poderiam ser também “o pão do corpo” (LOBATO, 2012, p. 17). Ou ainda, a inclusão de uma torneira no úbere da vaca para facilitar a retirada do leite. Tudo isso ocorre enquanto Tia Nastácia, Dona Benta e Visconde de Sabugosa são convidadas para um encontro que discute a paz mundial junto dos chefes de Estado europeus. Concluímos que essa história de fantasia poderia ser trabalhada em diferentes níveis de ensino, com focos e objetivos distintos, com direcionamento à interdisciplinaridade.

Infelizmente, dadas as atuais condições de trabalho em virtude da pandemia de COVID-19, ainda não pudemos aplicar as atividades em ambiente presencial. No entanto, ficam estabelecidas como propostas a serem testadas à todos os docentes que a considerarem pertinentes para suas turmas no futuro. Enquanto isso, elas servirão no contexto do atual ensino à distância iniciado na segunda metade de março e ainda sem prazo definido para terminar no estado do Paraná (até agosto de 2020). A obra e os recursos contemplam inúmeras possibilidades de integração entre o mundo da literatura e o mundo digital.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 As disposições da BNCC para a literatura infanto juvenil no contexto do mundo digital

A elaboração da BNCC já estava prevista na Constituição Federal de 1988 através dos PCN's, como proposta de aperfeiçoar e universalizar o modelo educacional brasileiro. Este documento é imprescindível na Educação Básica, mas ainda há a necessidade de revisão com relação a algumas práticas artísticas literárias. Após diversas discussões pela análise dos documentos, em 2015 oficializou-se a implementação da BNCC. A relevância das suas propostas está em procurar amparar os envolvidos com o ensino de forma democrática e facilitadora, considerandoas expectativas e o que se pode alcançar. Trata-se de uma diretriz norteadora para os professores-mediadores da leitura literária.

As orientações metodológicas direcionadas aos professores ainda carecem de ampliação, pois não se encontram de acordo com a realidade educacional do Brasil – o que não deixa de provocar a insatisfação de alguns críticos, por exemplo, quanto à possibilidade de concretizaros objetivos propostos a fim de contribuir para a melhoria da educação básica.

No que tange a ênfase dada à possibilidade de aproveitamento de recursos tecnológicos, na versão mais recente do documento (2018), encontramos várias menções ao termo “digital”, demonstrando que essa orientação passa a constituir parte importante, em definitivo, dos novos meios e plataformas educacionais. Já nos itens 1, 4 e 5, dentro das “competências gerais da educação básica”, está previsto:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e *digital* para entender e explicar a realidade (...) 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e *digital* (...). 5. Compreender, utilizar e *criar tecnologias digitais de informação e comunicação* de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (...). (BRASIL, 2018, p. 9 – grifo nosso)

Desse modo, fica indicado o recurso digital como meio de acesso à realidade, como linguagem e como canal de comunicação, a que se recomenda seu emprego de forma ética e crítica.

Haja visto a enormidade da revolução digital das duas últimas décadas e todas as drásticas transformações na comunidade humana que ela acarretou, a BNCC pontua a relevância deste fator na atual dinâmica vital dos jovens:

Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. (BRASIL, 2018, p. 61)

Como é bem sabido e conhecido aos profissionais atuantes dentro do sistema educacional, essa inserção tecnológica do jovem às mídias virtuais não deixou de trazer prejuízos para a sua capacidade de atenção:

Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar. (BRASIL, 2018, p. 61)

A agilidade visual dos recursos digitais traz em si o risco de tornar as atividades mais fugazes, menos proveitosas e ocasionar a perda da consistência pretendida pelo professor. As novidades nos ambientes virtuais se sucedem rapidamente, uma após a outra de modo a deixar o jovem absorto nos conteúdos que “viralizam”, achatado pelo sucedâneo dos seus estímulos.

Nas reflexões de Silva et al. (2017) sobre as disposições da BNCC, podemos ler:

Visando uma especificidade em suas diretrizes, a proposta desse documento, além de ser mais detalhada do que os anteriores, é de congregar questões que dizem respeito às particularidades tanto em âmbito nacional, quanto regional, sendo 60% àquele e 40% para este. (...) As milhares de opiniões foram feitas *on-line*, antes da finalização do primeiro semestre de 2016 e, objetivando contribuir com as discussões da BNCC, propomos esclarecimentos em relação às *práticas artístico-literárias*. Para isso, fizemos uma breve contextualização de como está disposta a literatura na escola nos anos finais do ensino fundamental. (SILVA et al., 2017, p. 34)

Fato recorrente e preocupante em classe, é que a leitura integral de uma obra literária raramente se realiza nos anos finais do Ensino Fundamental e, quando acontece, inexiste uma discussão literária conjunta. O trabalho comumente fica restrito à análise de padrões estruturais de gênero apoiada no livro didático. Isso ocorre porque boa parte dos professores não busca a renovação das práticas propostas aos alunos em sala de aula. Essa ainda é a realidade na escola do século XXI, que carece de avanços em suas metodologias, objetivos e conceitos relacionados à literatura.

Dessa forma, fica claro que o lugar da literatura nos anos finais do ensino fundamental quando existe esgota-se em práticas que subvertem a busca pelos sentidos do texto literário. Isso nos faz pensar que a lapidação do trabalho com o

texto literário é mesmo escamoteada em detrimento de ações pedagógicas tecnicistas. Possivelmente a razão disso é a facilidade de aplicar em sala de aula métodos preestabelecidos e práticas que não exigem tanto esforço de elaboração e de planejamento por parte do professor, sendo mais fácil somente reproduzir o que já está pronto, principalmente no uso exclusivo do livro didático, por exemplo. (SILVA et al. 2017, p. 35).

Esse hábito já estabelecido e cristalizado é preocupante, pois tende a reduzir o gosto dos alunos pela leitura e pela literatura, que fica então associada a uma prática desprazerosa e carente de sentido. Podendo assim comprometer a curiosidade e interesse do potencial leitor em formação. Segundo a crítica bastante oportuna e acertada de Dalvi:

(...) a literatura, do modo como a estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e bem-humorada, à paródia, à contextualização individual e histórica(...), inserida num mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos) nunca esteve no centro da educação escolar (DALVI, 2013, p. 77).

O modo como o ensino da literatura vem sendo ministrado atualmente nas escolas (por boa parte dos mediadores de leitura) suscita preocupação devido ao prejuízo que a própria produção literária, em extinção, vem sofrendo – afinal, a perda do gosto pela leitura e do cuidado com a língua deve refletir diretamente no subdesenvolvimento da formação de potenciais escritores. É inegável que ações precisam ser implementadas, com reformulações não somente do espaço da literatura na sala de aula, mas também da compreensão que os mediadores deveriam ter da própria, pois o ganho com a leitura de boas obras literárias vai além da funcionalidade da língua, além das paredes escolares e além dos conteúdos propostos, ampliando as fronteiras existenciais dos leitores.

Sendo a BNCC um documento norteador para ações docentes, faz-se necessário repensar a presença da literatura neste documento – como ela ali está disposta – pois as práticas pedagógicas passam a ser direcionadas através dessa documentação. A literatura tem sido posta em movimento por ações que muitas vezes não objetivam a formação do leitor a partir da experiência efetiva com a obra. Predominam as abordagens do texto através do ensino da gramática normativa, da história da literatura, das características formais do texto, colocando assim um grande obstáculo ao acesso a sua “seiva” mais bruta, por assim dizer.

## 2.2 A tecnologia nas competências gerais da BNCC

A tecnologia ganha um papel fundamental na BNCC. Sua compreensão e utilização é relevante a ponto de se constituir como um dos pilares da *Base*. Especificamente, em relação à cultura digital e ao modo como ela deve ser encarada no processo de ensino e aprendizagem. Sua importância se expressa nas competências gerais da BNCC, 5ª competência geral da Base Nacional Comum Curricular, na qual prevê que os alunos, ao final da Educação Básica, devem ser capazes de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p.9)

Em outras palavras, essa competência indica que o estudante precisa ter domínio dos dispositivos digitais disponíveis, além de ser preparado para criá-los e utilizá-los de forma responsável, qualificada e ética, compreendendo seus impactos na sociedade.

Essa competência deve ser desenvolvida ao longo de toda a Educação Básica de maneira gradual, progressiva e transversal, e por isso se desdobra nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, e nas competências e habilidades específicas de cada área de conhecimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio

Na Educação Infantil, a tecnologia é um dos direitos na aprendizagem e desenvolvimento do aluno, e deve ser utilizada para estimular a curiosidade, o pensamento criativo, lógico e crítico, o desenvolvimento motor e a linguagem. Visto que deve ser uma ferramenta que instigue a explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela. Tudo com o intuito de ampliar saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: a arte, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Nessa etapa a Base orienta que o “trabalho no ambiente escolar se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças”, assim deve ser usada de forma responsável e coerente no processo de ensino aprendizagem, onde o envolvimento entre professor e aluno, é fundamental, já que a geração dos Nativos Digitais é exposta a tecnologias em outros ambientes de socialização.

No Ensino Fundamental, a tecnologia aparece de forma mais direta nas competências específicas de cada área do conhecimento, que defendem que o seu uso seja feito de forma

crítica, significativa, reflexiva e ética. Como o aprendizado é considerado um processo que cresce em complexidade ao longo da trajetória escolar do aluno, as tecnologias precisam ser trabalhadas de forma mais elaborada do que na Educação Infantil. Assim, a tecnologia não deve ser vista apenas como ferramenta de estímulo, mas como recurso a ser utilizado pelos próprios alunos para a resolução de problemas da vida cotidiana. Nos anos iniciais, as competências e habilidades devem ser trabalhadas para que, entre outros aprendizados, possibilitem ao aluno lidar diretamente com a tecnologia, já que nessa fase a criança experimenta mudanças importantes que repercutem também nas suas relações com o mundo digital. Já nos anos finais, fase em que o aluno passa por mudanças ainda mais profundas, são demandadas práticas escolares diferenciadas, “capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social”. O papel da tecnologia nessa etapa é alinhar o processo educacional à cultura digital já latente na vida dos alunos.

A tecnologia é inserida na competência específica número 6 de Linguagens para o Ensino Fundamental. O uso de tecnologias aparece de forma destacada na área de Linguagens devido, entre outros fatores, às transformações das práticas de linguagem em decorrência do desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação neste século. A Base também orienta como a tecnologia deve ser trabalhada nas diversas disciplinas da área. Em Língua Portuguesa, a competência específica de número 10 diz que é necessário:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018, p. 87)

Por isso, a nossa proposta de mobilização de elementos digitais no ensino de literatura procura efetivar essa diretiva contida na nova BNCC, contemplando a capacidade de reflexão a que obra selecionada instiga.

### **2.3 A leitura literária e o livro didático**

Na vida e na escola os livros não constituem, obviamente, o único modo de leitura. Lê-se outros tipos de escritos, que aparecem em diferentes contextos: em casa, na rua, nas instituições diversas, em todos os lugares, a qualquer instante. São textos que circulam em torno às crianças e dos demais e que podem ser trabalhados pela escola. Sendo o principal mediador da leitura, requer-se do professor que seja ele mesmo um leitor ativo e atento e, conseqüentemente, que tenha gosto de produzir textos.

Documentos anteriores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, já assinalavam que a escola deve viabilizar o acesso a todos os tipos de textos em circulação, ensinando o aluno a interpretá-los, a produzi-los, a distinguir a diferença entre os mesmos, a fim de reconhecer as intenções que determinam tais diferenças entre os textos. Mas como ficaria a leitura literária? Segundo Soares (1999, p. 42-47), no momento da leitura, deve-se atinar “a critérios que preservem o literário, que propiciem ao leitor a vivência do literário e não uma distorção ou uma caricatura dele” e complementa afirmando que tais critérios deveriam conduzir a atitudes e valores “próprios do ideal de leitor que se quer formar”. Para complementar, Paiva (2008) previne contra a redução do texto ao caráter “informativo instrucional”:

(...) o importante seria, na leitura literária, a tentativa de não se negligenciar o pacto ficcional que o jogo da linguagem e do imaginário tenta estabelecer com os leitores e que somente estes serão capazes de instaurar, ou de ignorar, no seu comportamento participativo. Da mesma forma, importante seria não tratar como informativo instrucional, cobrando respostas objetivas e fechadas, textos essencialmente subjetivos e abertos, como os literários. (PAIVA, 2008, p. 102)

Também é problemático o cerceamento a respeito das obras indicadas aos alunos. Recomendações expressas podem ser obstáculo para que o aluno descubra seu próprio gosto. Por isso, como assinala Paiva (2008, p. 103), a nenhum mediador (professor, auxiliar de biblioteca, livro didático) “seria dado o direito ou o privilégio de instaurar o pacto em lugar de outros leitores”. O elo entre leitor e obra resultaria da reciprocidade entre as “insinuações da autoria e as disposições estéticas de cada leitor, embora, no mais das vezes, aconteça o contrário, na escola.” (MARTINS, 2008, p.1).

O que vemos mais habitualmente ocorrer nas aulas de Literatura é o enfoque historiográfico que pontua as características dos estilos de cada período e a estrutura da composição do texto. Além da utilização que o livro didático faz de fragmentos de textos, muitas vezes descontextualizados, em prejuízo da coesão e da coerência.

Como prossegue apontando Martins (2008), além das atividades pouco desafiadoras, não há proposta de exploração intertextual, interdiscursiva e interdisciplinar dos recursos “estilístico-estéticos” ou diversificação de estratégias que possibilitem a elaboração de inferências, a comparação de informações, antecipação, predição e hipóteses.

Tais tipos de exploração, tanto podem servir aos propósitos linguísticos, quanto aos propósitos artísticos, se se pressupõe que os leitores, diferenciados que são, participem – com seu componente intelectual, emocional e histórico-social – da produção ativa e propositiva de

sentidos, em processos de interlocução com diferentes gêneros textuais, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais, e com as estratégias de produção de textos (CARVALHO; MENDONÇA,2006, p. 117)

O trabalho com a leitura literária na escola é complexo, portanto, também quanto à escolha de obras, Chartier (2000) comenta:

(...) para incitar à leitura, é preciso evitar duas posições extremas: seja considerar como dignos de serem lidos somente os textos e os gêneros canônicos da cultura clássica, seja, ao contrário, tomar todas as leituras como equivalentes. E nos nossos processos de mediação, ele complementa: “[...] o caminho é, pois, estreito, mas fundamental, que deve conduzir as próprias práticas, desde leituras “indignas”, “selvagens”, até uma relação mais enriquecedora com obras profundas e densas.” (CHARTIER,2000, p.14 *apud* CARVALHO; MENDONÇA, 2006)

Poderíamos fazer um exercício imaginativo sobre quais seriam, no contexto brasileiro, as obras “selvagens” a que Chartier se refere. Com frequência, o professor incumbido do ensino de literaturas se depara com alunos portando livros de qualidade contestável ou duvidosa: pequenos romances clichês, *best-sellers* de autoajuda ou despreziosas revistas de fofoca. Dado o fato de que se torna cada vez mais raro, hoje, vermos alunos munidos de material impresso (se não aqueles cujo empréstimo na própria biblioteca da instituição foi exigido), evidentemente, não seria oportuno tolher ou inibir nenhuma iniciativa. No nosso entendimento, o professor obterá tanto mais sucesso quanto possa entusiasmar a classe ao narrar a sinopse das obras que irá propor, criando no aluno a curiosidade quanto à continuidade da história, o que pode provocar a leitura.

Como afirma Silva et al. (2017, p. 6-7), o dever de cada professor.

Ler, conhecer e entender as obras – se possível as boas – de literatura infantil e juvenil é dever de ofício de todos os professores do ensino fundamental e médio. Isto porque eles são mediadores e informantes privilegiados de leitura junto aos estudantes. Considerando um pouco da realidade vivida pela infância brasileira, eu diria que os professores são, hoje em dia, os principais agentes de promoção da leitura junto às crianças. Bem mais do que a família e outros organismos sociais. Por isso mesmo, as atividades de fomento e de orientação da leitura exigem dos mestres um adequado repertório de conhecimentos sobre universo da literatura infantil e juvenil, os seus diferentes gêneros, autores, configurações, suportes etc.

A partir do requisito acima, poderíamos propor a seguinte reflexão no contexto atual: será que os professores possuem gosto por leitura? Se cada professor observasse a realidade institucional das escolas em que atua: quantas vezes já viu professores comentarem ou indicarem obras literárias ou trocarem referências de leitura entre si? Acreditamos que a resposta a essa questão possa ser um indício significativo do modo como intencionamos

incutir nos alunos o gosto pela leitura, pois: por que haveríamos de insistir que os pupilos desenvolvam o hábito que os próprios mestres não conservam? E mais: os textos e postagens informais dos nossos colegas (em redes sociais ou aplicativos de conversa, por exemplo) conseguem comunicar claramente a intenção dos seus autores? Os documentos e atas formais redigidos pelos mesmos, comumente apresentam coerência, objetividade e estão adequados à norma culta? Deixamos essa reflexão para que cada profissional do meio escolar reflita a partir das suas experiências em ambientes de ensino e assim considere seu próprio papel ante à classe profissional.

## **2.4 As práticas artístico-literárias na BNCC**

Quanto à busca da expressão artística na Literatura Infanto Juvenil (LIJ), Gregorin Filho (2011, p. 12) afirma que a maioria dos livros que buscam teorizar a questão do estatuto da literatura no ensino infantil, trazem o questionamento se “a literatura infantil é instrumento pedagógico ou é arte”. Ou seja, a finalidade é provocar o entusiasmo e a apreciação contemplativa ou o incremento de técnicas para o domínio da expressão da língua (escrita, oral)? Em verdade, o professor deveria buscar a conciliação das duas coisas: o ensino com o desenvolvimento do *gosto* (estético) do educando. Talvez, tal questão não se trate exatamente de um dilema, pois não deveríamos optar apenas por um dos aspectos.

A primeira versão da BNCC tem recebido críticas tanto no que se entende por objetivo e atitudes procedimentais quanto aos conteúdos a serem trabalhados nas escolas, além dos procedimentos redundantes ao longo dos anos (com repetição de conteúdo), ao invés de apresentar uma continuidade com outras propostas a fim de ampliar os conhecimentos adquiridos (SILVA et al. 2017, p. 36). Não obstante, veremos adiante o que está disposto no documento sobre o tema em questão: a Cultura Digital.

Em documento preliminar à redação final da BNCC, encontramos o seguinte: “Durante toda a educação básica deve-se favorecer a formação literária de modo a garantir a continuidade do letramento literário, iniciado na Educação Infantil” (BRASIL, 2016, p.37). Tal passagem foi suprimida na versão final (BRASIL, 2018), onde não consta nenhuma ocorrência da expressão “formação literária”.

As propostas de mudanças no ensino da literatura preveem a ênfase no sentido estético da fruição literária. No ponto nº 9 dentro das competências da Língua Portuguesa, lemos:



Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018, p. 87)

Em relação ao ensino literário, apesar das problemáticas suscitadas na versão preliminar da BNCC, há de se considerar os avanços de um ano para o outro, onde ocorreu uma progressão significativa na apresentação dos objetivos de aprendizagem, com desenvolvimento dos saberes adquiridos. Também com termos do “ler” para o “relatar”, do “recontar” para o “criar”, entre outros.

O documento propõe práticas que vem a integrar língua e literatura, não reduzindo o texto literário à identificação de estruturas e aspectos gramaticais, ocorrendo assim a complementação das duas áreas. No 7º ano, por exemplo, pode-se identificar a leitura de textos literários com atividades de produção de textos narrativos e a criação de textos poéticos próprios da cultura popular juvenil, além de identificar elementos constituintes dos vários poemas desse gênero.

Os gêneros literários surgem gradativamente, tendo uma continuidade de conhecimento e experiências. E ainda, a BNCC apresenta práticas relacionadas a “Criar e recitar produções poéticas próprias da cultura oral popular e juvenil caracterizadas por cadência, ritmo e rimas, como o cordel e o rap”, fazendo-se mais inclusivo, mesmo que esses gêneros tenham menos espaço nas aulas de Língua Portuguesa.

Outro avanço diz respeito à unificação do ensino, que passa a integrar língua e literatura, para compreender a composição da narrativa ligada a aspectos da criação literária, quando se propõe uma produção textual. Variando gêneros discursivos e literários num mesmo exercício, permitindo ao aluno a apreensão da indissociação dessas áreas, tanto na escola quanto no seu meio social.

É importante destacar que a BNCC não é o único meio norteador para as práticas pedagógicas, já que o professor possui acúmulo de saberes, com suas experiências e estudos infundáveis, o principal mediador da leitura provoca reflexões em seus alunos, despertando neles o interesse pela leitura.

Portanto, a literatura não está ausente neste documento, colocando o espaço da leitura literária como protagonista na formação leitora, cabendo ao professor-mediador propiciar a sua participação no processo. Além de maleável, a Base está preocupada com o ensino como um todo, propondo uma democratização no ensino.

No qual o professor, é o mediador da leitura literária, e a escola um espaço para leituras diversas; tendo o aluno o apoio – que é esperado – da família e das instituições culturais à valorização da leitura. Isso ,provoca reflexões e promove a uma democratização do livro, considerando que tipo de apropriação é praticada, tornando-se o professor um leitor parceiro de seus alunos.

No entanto, as ponderações não devem se limitar a exercícios de memorização, ainda que a abordagem estrutural do texto literário não seja prejudicial e descartável. Apenas quando se dá seu uso sem levar em consideração que todo leitor precisa de elementos que deem sentido ao texto, para além do reconhecimento de estruturas formais. Almejar um ensino renovado, interacionista, dinâmico e não reducionista, depende também de que as práticas pedagógicas não se continuem reproduzindo modelos sem reflexão ou baseados somente em memorização.

## **2.5 A literatura infantojuvenil**

Junto ao público leitor da faixa etária infantojuvenil, é importante enfatizar o devido cuidado: deve-se respeitar seus limites, mas sem ignorar a sua inteligência, incentivando o seu potencial e gosto pela leitura.

Na obra “A Produção Cultural para a Criança” (que reúne vários ensaios de especialistas de diversas áreas que oferecem análises sobre o que se produz para a criança, seja no teatro, televisão, cinema, quadrinhos, literatura, poesia e artes plásticas), Zilberman (1982) comenta a especificidade da produção literária infantil:

A literatura infantil, mais que qualquer outro gênero literário, é sensível às contradições experimentadas pela leitura. Tendo surgido alinhada a uma promoção especial da alfabetização e destinada a um público específico, a infância, ela não pode ser objeto de uma reflexão, sem que se faça alusão ao leitor. Este, por sua vez, é invocado não apenas quando do consumo do livro: sua presença é antecipada ainda no momento da produção. Cada criação individual suscita uma adequação, por parte do autor, da escrita às particularidades existenciais e cognitivas da criança. (...) e reforça o fato de que a elaboração do texto é feita com os olhos voltados a seu destinatário virtual, impedindo uma concepção que examine este gênero como entidade autônoma e depurada de injunções contextuais. (ZILBERMAN,1982, p. 104)

Nesse trecho, fica ressaltado que a “presença” da criança-leitor deve ser levada em conta, desde o início do processo, nas suas próprias capacidades por quem produz o conteúdo – ou seja, o escritor aí tem que ter diante de si essa referência constante – bem como a própria análise de um dado material produzido deve levá-la em conta. Assim como nós, professores,

evocamos nossa própria infância e tentamos rememorar a criança que nós mesmos fomos outrora (nossas percepções, comportamentos, gostos, etc.), o produtor de conteúdo (escrito ou digital) levará em conta a percepção infantil para sua proposta.

Ezequiel Theodoro da Silva, em prefácio à obra de Gregorin Filho (2011), acentua a importância do papel do professor e seu papel ante a vasta obra literária que deve selecionar:

Ler, conhecer e entender as obras – se possível as boas – de literatura infantil e juvenil é dever de ofício de todos os professores do ensino fundamental e médio. Isto porque eles são mediadores e informantes privilegiados de leitura junto aos estudantes. Considerando um pouco da realidade vivida pela infância brasileira eu diria que os professores são, hoje em dia, os principais agentes de promoção da leitura junto às crianças. Bem mais do que a família e outros organismos sociais. Por isso mesmo, as atividades de fomento e de orientação da leitura exigem dos mestres um adequado repertório de conhecimentos sobre universo da literatura infantil e juvenil, os seus diferentes gêneros, autores, configurações, suportes etc. (SILVA, 2011, p. 6-7).

Como afirma o autor, os professores, de modo geral, são os principais influenciadores das crianças e jovens no campo da leitura – salvo poucas (e cada vez mais raras) exceções de pais leitores que também incentivam seus filhos. Todavia, a questão da ausência ao estímulo à leitura por parte da família tem se agravado na era digital e da informação rápida: os *smartphones* somaram-se aos televisores para tomar quase toda atenção de pais, crianças e jovens. Esse ponto merece ulterior desenvolvimento e atenção, visto ser nosso foco no presente trabalho: tentativas de conciliação do hodierno Mundo Digital e suas ferramentas com a atividade de leitura – voltamos a esse ponto no próximo capítulo.

Isto posto, que já na introdução do trabalho focamos em desenvolvê-lo baseado na literatura para o público infantojuvenil. Para isso, optamos pela obra “A Reforma da Natureza”, por entendermos estar adequada ao mundo da fantasia e da curiosidade dos estudantes do Ensino Fundamental. Passamos então da referência a documentos oficiais de ensino (especificamente, a BNCC) para a abordagem da literatura. Constatando, que o “pequeno leitor” tem papel preponderante no universo da literatura e esta deve contribuir para o desenvolvimento da sua imaginação e reflexão. Ademais, acreditamos que a escolha pela referida obra de Monteiro Lobato se justifica por servir de ponte entre essas duas categorias de trabalho mental, estendendo um elo entre fantasia e realidade.

### 3 MEIO DIGITAL, LÍNGUA E LITERATURA

#### 3.1 Recursos do mundo digital

O livro físico tradicional, cuja crescente popularização com as modernas editoras tem nos acompanhado desde a invenção da prensa de Gutemberg (1450), mas mesmo com seus sucessivos aperfeiçoamentos, têm enfrentado muita concorrência nas últimas décadas. Primeiro, com a popularização dos arquivos digitais *paradesktops* e *notebooks (e-books)*, depois com as mais recentes ferramentas de leitura em *tablets* e similares (*e-readers*) e ainda, também com as gravações em áudio (*audiobooks*) – que eram comercializadas inicialmente no formato K7, depois *Compact Disk (CD)* e então, no final da década de 1990, em formatos digitais (*mp3*, *mp4*, etc). Todavia, com relação aos prós e contras do livro frente às inovações no cenário do acesso à literatura, Zilberman (2012) comenta:

Lutando por sua sobrevivência, o livro, como objeto material, procura apresentar-se segundo uma perspectiva favorável. Como escreve Carlos Rydlewski, em matéria da Revista Veja, trata-se “de um produto que funciona sem bateria, dispensa o manual do usuário, suporta quedas, é barato e pode ser substituído a um custo mínimo.” Pode-se acrescentar a esses atributos sua portabilidade, em oposição à imobilidade do computador de mesa. Mas tais vantagens não impedem o avanço da concorrência, representada pelo e-book, em particular, do *Kindle*, cujo preço começa a diminuir no mercado internacional, e por um novo produto, o vook, segundo Sérgio Augusto(1943), “última palavra em e-book, o livro digital com imagens, o book eletrônico televisivo”. (ZILBERMAN, 2012, p.231)

Não há dúvidas de que as inovações no campo pedagógico tecnológico irão continuar se seguindo, por exemplo: com o aperfeiçoamento das tecnologias 3D, propostas de inserção e imersão, realidade estendida (realidade virtual, realidade aumentada), etc. Com um possível deslumbramento de alguns professores diante de tantas novidades, o risco de se perder a efetividade do ensino ou encobrir o sentido do conteúdo a ser assimilado pelo abuso dessas propostas inovadoras também é constante. Portanto, são necessárias parcimônia e capacidade de análise sobre os seus proveitos reais para não desorientar a percepção de jovens e crianças ao mergulhá-los nas novas mídias. Para evitar esses deslizamentos, é necessário selecionar com cuidado os recursos, meditar sobre sua eficiência e oferecer instrução adequada aos alunos sobre os procedimentos adotados.

Barton e Lee (2015) comentam que espaços *online* podem ser apropriados para a aprendizagem. Pesquisas em letramentos digitais crescem a cada dia. Caberia saber como realizar práticas existentes aos novos modos disponíveis:

Trata-se de saber como realizar práticas já existentes de novas maneiras, (...) pode ser o primeiro passo para uma mudança das práticas. Quando os participantes veem as novas possibilidades tecnológicas e podem imaginar novos futuros, eles dão o próximo passo, e a educação tende a mudar. (BARTON; LEE,2015, p.203-204)

As novas mídias e as novas aprendizagens através do letramento digital aguçam a criatividade. No geral, o cidadão médio já vem consumindo cada vez mais textos em plataformas virtuais. Barton e Lee elencam estudos nesse campo, mostrando como os experimentos híbridos de comunicação podem ser proveitosos:

A produção e utilização de textos online ocupam grande parte da vida das pessoas. Uma série de estudos destaca a dimensão textual dos letramentos digitais em diversas plataformas, como salas de bate-papo (Merchant,2001), mensagens instantâneas (Lewis;Fabos, 2005; Lee, 2007), vídeo game (Gee,2004) e *fan-fiction* (Black, 2009), entre outros. (...) os textos digitais são criativos, hibridizados e multimodais. Por exemplo, Merchant (2001) mostra como adolescentes exibem grande criatividade, combinando características de conversa falada e escrita nas salas de bate-papo. Merchant defende que a criatividade e o hibridismo são características do mundo social contemporâneo. (BARTON; LEE,2015, p.204-205)

A participação de bate-papos *online* contribui com o capital linguístico e habilidades para as mudanças de ordem social. Mas o *chat online*, que acontece em contextos informais e privados, não tem seu valor reconhecido em instituições formais. Dentre várias propostas apresentadas na pesquisa “explícita ou implicitamente orientados para a educação”, temos como exemplo, os sites da chamada *Web 2.0*, que marcam uma mudança total, ocorrida a partir de 2004, no modo de interação nas páginas na internet. Plataformas populares foram adotadas para atividades de ensino e aprendizagem no letramento digital, tais como: Weblogs, Wikis, sites de fotos como o Flickr, links, vídeos, sites de vídeo como o Youtube, mundos virtuais - como o Second Life, Microblogging – incluindo o Twitter, sites de redes sociais como o Facebook e aplicativos de mensagens instantâneas, entre outros, contribuem para o letramento digital.

Agora, mais do que nunca, devido à atual pandemia do Covid-19, grupos em plataformas populares estão sendo criados para realização de trabalhos, cursos, aulas, tarefas escolares, aprimoramento pessoal entre tantos objetivos a serem alcançados (pessoal ou social).

Barton e Lee mencionam a decisão de uma professora ao utilizar o Facebook ao invés de outras plataformas, dada a preferência e maior adesão dos alunos já inscritos, em sua experiência com tecnologias de ensino: os alunos postaram mais de 350 comentários, numa pesquisa de curso:

Um forte senso de comunidade se desenvolveu fora do contexto da sala de aula porque o grupo serviu para reunir estudantes de diferentes disciplinas. A virtualidade de rede social do Facebook também facilitou a aprendizagem colaborativa, em que os alunos compartilhavam informações relacionadas com o curso recém- descobertas na *web*. (BARTON; LEE,2015, p.211)

Ocorreu ali uma negociação e reapropriação de seus estilos discursivos e identidades de acordo com os propósitos do grupo. Os textos escritos apresentaram um hibridismo de línguas, alunos e professores foram além da utilização do veículo de instrução (naquele caso, a língua inglesa), mesclando outros recursos linguísticos – o que ocorre muito em usos informais no Facebook, como também vários estilos discursivos, com anúncios acadêmicos formais do professor, posts interpessoais e brincalhões. Os alunos ora ensinavam a professora, iniciando tópicos para discussão com os posts, ora aprendiam com ela.

A respeito dessa dinâmica, Barton e Lee (2015) fazem referência à noção de “terceiro espaço”:

Estas características ilustram que o grupo proporcionou o que Mojeet (2004) chama de “terceiro espaço” para o ensino e aprendizagem. Eles definem um terceiro espaço como um espaço que “traz os textos enquadrados por discursos e saberes cotidianos para as salas de aula de uma maneira que desafia, desestabiliza e, em última instância, expande as práticas de letramento que normalmente são valorizadas na escola e no mundo cotidiano” (p.44). No caso em questão, o grupo serviu como um espaço onde o estilo de discurso acadêmico relativamente controlado se encontrou com um estilo de discurso híbrido, interpessoal e informal (BARTON; LEE, 2015, p.211)

Diante de tantas possibilidades para práticas pedagógicas inovadoras, o professor pode aprimorar o seu trabalho optando por novas tecnologias. Terá assim mais um caminho para incentivar a leitura através da integração entre língua, literatura e tecnologia.

Antes mesmo da popularização de artefatos e mídias tecnológicas, o professor de literatura já contava com recursos que essas mídias acabaram por facilitar o acesso, por exemplo *graphic novels*, cinema, hqs, desenhos, etc. Considerando o aspecto material, o advento de computadores, celulares e *tablets*, em certa medida, dispensou os impressos e acervo de fitas VHS, DVDs e discos Blu-ray. Agora, há a possibilidade de reunir essas opções de som e imagem num único dispositivo ou acessá-los via *streaming* através da *web*. Ainda assim, é comum ouvirmos queixas sobre a dificuldade de substituir, por exemplo, livros físicos na hora da leitura.

### **3.2 Ambientes virtuais: consideração ao atual momento**

Apesar dos empecilhos hodiernos à prática da leitura colocados pela própria dispersão nos meios tecnológicos, propomos uma reflexão sobre como contorná-los reencaminhando a finalidade dos mesmos recursos e usando-os ao nosso favor, ou seja, a favor da formação humana do aluno que compete, em grande parte, aos professores.

Não haveria como redigir um trabalho sobre mídias e educação no corrente ano de 2020 desconsiderando a circunstância pandêmica atravessada pelo mundo. O transcurso do nosso ano letivo foi profundamente marcado pelas medidas de isolamento: os alunos e os profissionais da educação vivem momentos de desconforto e incertezas, por um lado, e profunda reflexão sobre o seu próprio papel por outro. Dado que o retorno às atividades normais a nível presencial vem sendo continuamente postergado pelos governos municipais e estaduais, incluímos nesse item algumas considerações provisórias para a realização das aulas à distância com base no mesmo conteúdo.

Tais considerações são de ordem experimental, haja visto a completa novidade da situação presente. Do modo como estamos vivenciando a alteração brusca e as reviravoltas que a paralisação das aulas provocou, visto que a situação não admitiu preparação ou treino, professores, equipe pedagógica, funcionários e direção tiveram que redefinir sua forma de atuação repentinamente, visando minimizar os prejuízos que a falta do compromisso presencial diário geraria aos alunos.

Obviamente, não é possível estabelecer uma aplicação uniforme das sugestões que aqui aventamos, visto que o acesso de cada aluno à internet e às plataformas virtuais não é o mesmo e que também difere a condição dos professores com relação ao domínio, à disposição e aos recursos pessoais ao seu alcance.

Quanto ao domínio, é necessário levar em conta o conhecimento de cada professor com relação à utilização de recursos virtuais: slides, formulários, aplicativos, tabelas de controle, produção de material em áudio, vídeo, etc. Através de treinamentos, tutoriais e oferta de cursos rápidos em vídeo ofertados pela SEED-PR, assim gradativamente, os professores que tinham tido pouco contato com essas tecnologias começam a se aprofundar. Também é de extremo préstimo a disposição de cada professor que já domina essas ferramentas básicas em auxiliar os demais, de maneira conjunta ou privada, trocar experiências sobre os resultados obtidos (ponderar os motivos para a adesão e rejeição dos alunos a atividades específicas), etc.

Cada professor se viu tendo que avaliar a possibilidade de tornar-se como que um *vlogger* pedagógico, produzindo seus próprios vídeos e áudios para a efetivação do ensino remoto. Não obstante, para que isso fosse possível, seria necessário avaliar os seus recursos, em ordem de importância: smartphone ou câmera digital compatíveis em memória e qualidade mínima, captação de áudio (o investimento de microfones de lapela, por exemplo, poderia aumentar consideravelmente a qualidade do material produzido, mas depende do interesse e entusiasmo de cada professor), lousa e giz/canetas, capacidade de operar softwares de edição de vídeos para realizar cortes, combinar recortes, inserir imagens, tabelas, gráficos, fazer incremento de texto e imagens, adicionar músicas e sons, etc.

Nossa proposta de trabalho possui caráter misto: incluirá exercício com aplicativo (Kahoot) e conteúdos já disponíveis no Youtube. Também ressaltamos que a atual fase de isolamento social em que nos encontramos abriu uma fase extraordinária (no sentido de que foge completamente ao corriqueiro e rotineiro) para experimentação didática híbrida e variada. Cada professor precisa reavaliar seu trabalho para decidir como irá conciliar o uso de material impresso, possível gravação de vídeo-aulas, chamadas de vídeo ao vivo com participação dos alunos, etc.



## 4 PROBLEMATIZAÇÃO E ATIVIDADES

### 4.1 Para ambientes de aula presencial

Levando em conta a pesquisa realizada sobre as determinações contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto às práticas pedagógicas relacionadas à literatura e aos recursos tecnológicos a serem explorados e utilizados (quando possível) nas escolas, a presente pesquisa se aterá às possibilidade de leitura da obra “A Reforma da Natureza”, de Monteiro Lobato.

Na dinâmica em classe, primeiramente, após breve comentário introdutório sobre a importância histórica de Monteiro Lobato no cenário literário brasileiro, seria proposto aos alunos, como tarefa para casa, a leitura da obra “A Reforma da Natureza”. Mas, ainda antes disso, daríamos um panorama geral da obra, visando despertar a curiosidade e o interesse pela história.

Depois, munidos de cópias impressas (a depender do número de exemplares do livro disponíveis na biblioteca ou da possibilidade de cada instituição em fotocopiar o texto) ou digitais, passaríamos à discussão conjunta do texto. Estimulando os alunos a pontuarem o vocabulário a eles desconhecido na primeira página, a ideia geral do início da narrativa seria comentada conjuntamente e lidos seus trechos principais.

Fica a cargo de cada professor observar o *timing* da turma para não deixar sua atenção se desligar. Para tanto, pode-se introduzir recursos que vão desde a exposição de ilustrações relacionadas à obra como ao uso de fantoches (se a escola contar com esse recurso) e também o uso de projetores.

Uma vez transmitida ao aluno uma noção clara do início, meio e fim da narrativa, iniciaria a discussão das intenções de Emília com a sua “reforma da natureza”. Os alunos podem ser estimulados para que se recordem dos momentos em que, alguma vez, hajam querido que algo da realidade à sua volta fosse diferente do que é, lembrando das situações de contrariedade que alguma vez experimentaram. O professor pode tentar captar a inconformidade corriqueiramente manifestada pelos alunos devido à sua pouca experiência de vida e compará-las com os caprichos de Emília.

#### 4.2 Resumo da obra selecionada: A reforma da natureza

Assim que a Guerra na Europa acabou, ditadores, reis e presidentes reuniram-se. Era preciso uma discussão sobre a Paz. Monteiro Lobato demonstra tristeza pelo que a Guerra causa aos povos. “Reuniram-se num campo aberto, sob uma grande barraca de pano, porque já não havia cidades: todas haviam sido arrasadas pelos bombardeios aéreos” (p. 12). Apesar de tantos representantes na conferência, não chegavam a um acordo, então o Rei Carol, da Romênia, contou como era a vida no Sítio do Pica-pau Amarelo, onde todos eram felizes. A convivência pacífica e harmoniosa serviria de modelo.

Eles precisavam de representantes da humanidade. Satisfazendo a humanidade, todos os povos estariam de acordo. A sugestão do rei foi acatada e todos resolvem convidar as mais humanas do mundo e também grandes estadistas que viviam felizes na pequena república que governavam.

As matronas Dona Benta e Tia Nastácia foram convidadas para participar da Conferência da Paz de 1945. A Humanidade e o Bom Senso seriam representados por elas, ajudando a resolver os problemas causados pela Segunda Guerra Mundial. Os netos, Narizinho e Pedrinho também foram: eles representariam os ideais, os anseios e as motivações dos jovens leitores. O Visconde de Sabugosa também foi.

Emília não quis ir, pois tinha outras ideias desde que ouviu a fábula do Reformador da Natureza contada por Dona Benta. Contrária ao que estava acontecendo no mundo resolveu “reformatar” a natureza, pois tudo estava errado segundo a sua visão. Foi à máquina de escrever e bateu uma carta, convidando uma menina carioca chamada Rã para ajudá-la.

Querida Rã:

Estou só-só-só-ro-só-só! [...] Você é das minhas: das que não concordam. Podemos realizar aquele nosso plano de reforma da natureza. O Américo Pisca-Pisca era um bobo-alegre. Reformou a Natureza como o nariz dele, e foi pena que a abóbora do sonho não lhe esmagasse a cabeça de verdade. Seria um bobo de menos no mundo. (...) Cheire meia pitada desse pó que vai no saquinho de papel – só meia...Eles partiram esta manhã e eu já estou me sentindo muito “tênia”. Depois que a danada da Emília soube que solitária é sinônimo de tênia, passou a empregá-la. ”...não é gramatical, mas é mais curto! (LOBATO, 2012, p. 5)

Nesta carta, Emília faz referência a uma das fábulas contadas por Dona Benta: “Reformador da Natureza”, como aparece neste livro ou “Reformador do Mundo”, como aparece em outras fontes. Há aqui uma intertextualidade, em que Américo Pisca-Pisca, descontente com a natureza, pensa em fazer algumas reformas. Após um sonho, ela resolve

voltar atrás ao ver que uma de suas reformas no pomar não seria uma boa ideia. Pode-se notar que Emília, às vezes, parece cruel em seus comentários.

Alguns neologismos criados por Emília ou que aparecem no livro: “mingo” e “bissurdo” (LOBATO, 2012, p. 21). A garota, “emilíssima” de 11 anos, usa o pó de Pirlimpimpim e é transferida magicamente do Rio de Janeiro para o sítio. As reformas vão acontecendo, mas parece que a Rã tenta sabotar. A boneca chama a atenção da menina:

Emília estava cada vez mais desconfiada da Rãzinha. Parecia a Alice do País das Maravilhas. Só vinha com disparates. E disse: - Enfeites são inutilidades. Não quero saber de enfeites nas minhas reformas. Tudo há de ser uma razão científica. (LOBATO, 2012, p. 22)

A Rã ou era mesmo maluca ou estava “sabotando” a obra reformatória da Emília. Todas as ideias que apresentava eram tontas, como aquela da mudança dos morros. A maior parte das ideias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras, e isso irritava Emília, que estava tomando muito a sério o seu programa de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira (LOBATO, 2012, p. 36).

Ao receber a carta de Dona Benta anunciando o retorno ao sítio, ressalta-se a competência da figura feminina e uma crítica: “Já concluímos o nosso serviço na Europa. Deixamos o continente transformado num perfeito Sítio. [...] – É uma danada, esta velha! Foi lá e fez o que todos aqueles ditadores e reis não conseguiram. Temos agora de preparar a casa para recebê-la.” (LOBATO, 2012, p. 39)

Quando Dona Benta retorna com os demais da Europa, desaprova as mudanças realizadas, usando um tom moralista: “Mas que absurdo Emília, reformar a Natureza! Quem somos nós para corrigir qualquer coisa do que existe? E quando reformamos qualquer coisa, aparecem logo muitas consequências que não previmos. A obra da Natureza é muito sábia, não pode sofrer reformas de pobres criaturas como nós. Tudo quanto existe levou milhões de anos a formar-se, a adaptar-se; e se está no ponto em que está, existem mil razões para isso.” (LOBATO, 2012, p. 41)

Emília demonstra convicção, argumentando: “Não acho! – a obra da Natureza está tão cheia de “bissurdos” como a obra dos homens.”. Há humor por conta do autor também nessa passagem do livro para aliviar a situação mostrando a reação da mulher perante a ousada Emília: “A boca de Dona Benta abriu de caber dentro uma laranja.” (LOBATO, 2012, p. 41)

Algumas mudanças até são aceitas por Dona Benta e Tia Nastácia. Ao argumentar pacientemente com Emília, Dona Benta dá uma lição de liberdade e de respeito ao meio

ambiente. “Emília, eu reconheço as suas boas intenções. Você tudo fez na certeza de estar agindo pelo melhor. Mas não calculou uma porção de inconveniências que podiam acontecer – e estão acontecendo. As laranjas, por exemplo [...]. A casca é uma defesa indispensável. Assim também as abóboras na jabuticabeira.” (LOBATO, 2012, p. 43) “E quanto mais eu “estudo a Natureza”, mais vejo erros. Para que tanto beijo em Tia Nastácia?”

Nota-se aqui que às vezes Emília faz comentários inapropriados. Tia Nastácia é por diversas vezes alvo desse tipo de comentários nas obras de Monteiro Lobato.

#### **4.3 Sugestão de conteúdo virtual já disponível**

Nas instituições de nosso conhecimento, devido ao isolamento imposto em virtude do vírus COVID-19, alguns professores de ensino fundamental já estão arriscando incursões de própria autoria no formato vídeo. Muitos se serviram de material já produzido por terceiros como apoio às suas aulas, como vídeos disponíveis nas populares plataformas de *streaming*, sobretudo o Youtube.

No Youtube é possível encontrar inúmeros vídeos sobre a obra *Reforma da Natureza*, de Monteiro Lobato, de diferentes gêneros (pedagógicos, comentários livres, produções televisivas em série, animações, etc). Listamos abaixo dois exemplos de vídeos de produção televisiva que nos parecem bastante proveitosos para o emprego no ensino não presencial, um para cada grupo etário (7 aos 9 anos e 11 aos 13, respectivamente). Em seguida, incluímos um exemplo de produção postada recentemente, de autoria de uma professora do 6º ano que, possivelmente, a fim de sanar a distância com seus alunos durante a atual fase de isolamento social e paralisação das escolas.

##### **Exemplo 1**

Título do vídeo: *A Reforma da Natureza - Sítio do Pica-pau Amarelo - Episódio 70*

Disponível em: <<https://youtu.be/Lz1DiqsDzbg>> [Acesso em jul. 2020]

Adaptação simplificada da obra no formato animação, de boa qualidade gráfica e sonora, bastante adequada a crianças na faixa-etária de 7 a 9 anos. A partir dela, o (a) professor(a) pode propor exercícios para estimular a imaginação dos alunos perguntando o que gostariam de alterar na natureza se tivessem esse poder. Em seguida, pode comentar os erros cometidos por Emília no episódio e terminar com alguma lição edificante sobre o valor e a razão das coisas da natureza serem tal como elas foram naturalmente projetadas.

**Exemplo 2**

Título do vídeo: *Sítio do Picapau Amarelo (2001) - Reforma da Natureza (Parte 1) - 1º Episódio (HD)* [Acesso em jul. 2020]

Disponível em: <[https://youtu.be/o\\_XXYqOigdg](https://youtu.be/o_XXYqOigdg)> [Acesso em: jul. 2020]

Primeiro episódio de três (1/3) da história "Reforma da Natureza" e o 37º capítulo da temporada da série produzida pela Rede Globo, exibida originalmente em 03/12/2001, e reprisada mais tarde pela TV Cultura em duas ocasiões. Nesse episódio da série filmada com atores reais, a história de Monteiro Lobato é retratada com maior fidelidade à obra, incluindo o convite feito à Tia Nastácia e Dona Benta pela Conferência da paz mundial. Adequada para ser trabalhada posteriormente à leitura da obra com crianças e pré-adolescentes. Na qual, o professor pode sugerir que os alunos observem as diferenças entre o texto original e a série adaptada, para pontuar perdas e ganhos para a narrativa considerando cada formato.

**Exemplo 3**

Título do vídeo: “*Livro A REFORMA DA NATUREZA - Capítulo 1*”

Disponível em: <<https://youtu.be/HOyCSI6VDBs>> [Acesso em: jul. de 2020]

Nesse vídeo vemos a proposta da prof. Angela Martins, de 6º ano, na qual faz uma breve apresentação de fala pausada, enfatizando as palavras. Em seguida, a professora anexa um áudio de contação da história da *Reforma da Natureza* na íntegra, com a própria voz, enquanto sua foto permanece ao fundo. Apesar de simples, propostas semelhantes são interessantes uma vez que mantêm o elo dos alunos com a figura da professora (com quem eles já estavam familiarizados no ensino presencial, de fevereiro a março de 2020).

**3.4 Proposta de intervenção através do aplicativo “Kahoot”**

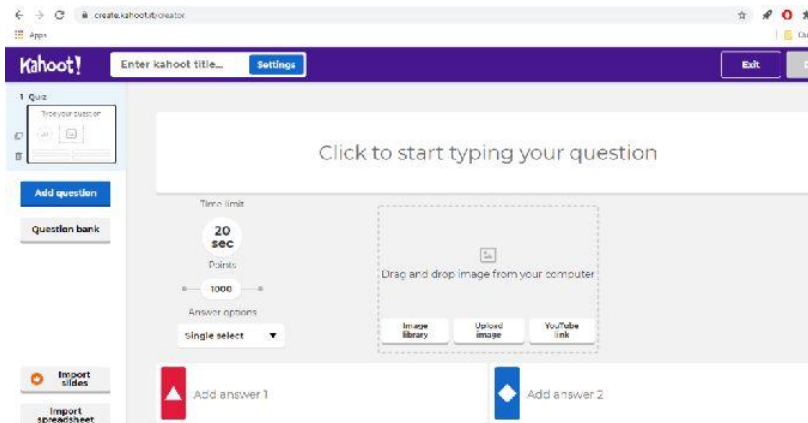
O Kahoot! é uma plataforma gratuita de aprendizagem, disponibilizada na forma de aplicativo pelo Google Play<sup>1</sup>, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizagem, “Kahoots”, são testes de múltipla escolha que permitem à geração de usuários, acessá-los por meio de um navegador ou do

---

<sup>1</sup> Google Play é um serviço de distribuição digital de aplicativos, jogos, filmes, programas de televisão, músicas e livros, desenvolvido e operado pela Google.

aplicativo. Para isso, o professor elabora as questões na plataforma Web (Figura 1) e, em seguida, passa o código para os alunos, que começarão a responder assim que o professor iniciar o jogo.

Figura 1 - Kahoot - página de criação



Fonte - Kahoot.com

É interessante notar dois pontos importantes: primeiro, que o aplicativo permite que cada pergunta possa ter um tempo determinado na tela, o que permite que o professor avalie a diferença pela complexidade da pergunta; depois, que os alunos não veem no celular a pergunta, apenas as alternativas (em cores e formas). Esse segundo ponto é interessante porque faz com que o professor esteja no comando da atividade.

No presente trabalho, para uso do Kahoot, oferecemos como amostra um questionário de cinco perguntas objetivas que visam avaliar a atenção do aluno à narrativa de “A reforma da natureza”:

#### ATIVIDADE PARA O KAHOOT

1) Que significa “bissurdo”?

- A ( ) surdo
- B ( ) tudo
- C ( ) absurdo
- D ( ) chocolate

2) O que fizeram com a vaca?

- A ( ) Colocaram café no seu leite.
- B ( ) Colocaram chocolate em pó no seu leite.
- C ( ) Colocaram torneirinhas para tirar o leite.
- D ( ) Colocaram aquecedor para esquentar o leite.

3) A boca de Dona Benta abriu de caber uma laranja...

- A ( ) pois ela estava com muita vontade de chupar uma laranja.
- B ( ) porque estava testando uma das novidades da Emília.
- C ( ) pois precisava esconder algo dentro da boca.
- D ( ) porque ficou espantada com uma das reformas da Emília.

4) Uma das mudanças feitas por Emília foi o “Livro Comestível”. Por que esse nome?

- A ( ) Assim o livro poderia ser comprado junto com o pão e ser comido.
- B ( ) Quem comesse o livro, ficaria rico.
- C ( ) As pessoas não precisariam comprar mais o pão.
- D ( ) O livro poderia ser bebido também.

5) Quem ajudou Emília nas mudanças no sítio?

- A ( ) Pedrinho
- B ( ) Narizinho.
- C ( ) O Visconde.
- D ( ) A Rã.

O jogo pode ser encontrado neste endereço: <<https://create.kahoot.it/share/a-reforma-da-natureza/5160f922-966e-4563-88db-337afead283e>>

Como comentamos acima, após a proposta baseada no aplicativo Kahoot, o professor pode empregar as questões complementares voltadas à elaboração escrita interdisciplinar e à reflexão. Para que sejam bem sucedidas, o professor pode oferecer referências básicas sobre o contexto histórico do conflito mundial encerrado em 1945 – tudo, obviamente, dentro das capacidades de compreensão dos seus alunos, segundo o seu nível de ensino e faixa-etária.

O rico enredo urdido por Lobato em *Reforma da natureza* deixa margem para o desenvolvimento de várias questões a nível interdisciplinar. A “reforma” proposta por Emília traz a ideia de tentativas de correção e melhoramento da natureza que podem ser estendidas para o humano. Já a proposta mundial de um encontro pacifista remete a temas sociais, geográficos e históricos.

Por isso, incluímos uma atividade complementar, cuja elaboração objetiva o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e reflexão, de modo a também servir de ponte para questões de cunho biológico e geopolítico mais gerais. Partimos da trama contada por Monteiro Lobato e abrimos o círculo de compreensão, principalmente, em torno às pretensões e funções das personagens Emília, Dona Benta e Tia Nastácia.

O professor pode seguir essa trilha para trabalhar conjuntamente com as aulas de História, abordando a Reforma, o Contrato Social, as Grandes Guerras o papel da fundação da ONU em 1945, etc. Também “deixa o gancho” para questões a nível ético e bioético no que diz respeito à liberdade humana de buscar “reformatar” a natureza dos alimentos (transgênicos) e dos animais. A seguir, apresentamos também algumas atividades complementares. A sugestão de uso é a plataforma de Formulários do Google, que admite a opção de respostas com questões discursivas.

#### ATIVIDADE COMPLEMENTAR -1

- 1) Dona Benta e Tia Anastácia foram convidadas para um evento que discutia a Paz Mundial. Como você acha que elas poderiam contribuir com um problema tão delicado?
- 2) Enquanto isso, Emília permaneceu no sítio, propondo corrigir os “defeitos” da natureza. Se pudesse corrigir algo na natureza, qual modificação você faria?
- 3) E, indo mais longe, se você tivesse o poder de transformar alguma característica nas pessoas? O que alteraria?
- 4) As mudanças da Emília geraram um desequilíbrio na natureza, você conhece alguma modificação técnica ou científica que tenha provocado desequilíbrios?
- 5) Entre as modificações listadas abaixo, quais foram causadas por humanas?
  - A ( ) Alimentos transgênicos
  - B ( ) Tsunami
  - C ( ) Erupção vulcânica
  - D ( ) Clonagem
  - E ( ) Agrotóxicos
- 6) Você acha que as alterações que o humano realiza sobre a realidade são benéficas?

### **3.5 Proposta de intervenção através do aplicativo “ Mentimeter”**

Ademais no intuito de agregar mais atividades de cunho interdisciplinar como foi abordado anteriormente, optou-se também por realizar um trabalho de interdisciplinaridade, reflexão e interação utilizando o aplicativo Mentimeter, no qual o professor lançará aos alunos duas questões para nortear o trabalho , visto que essas questões serão expostas durante as meetings que o professor ofertará aos alunos no período de aulas remotas como uma forma de



interação e também de discussão sobre a obra em questão. Mentimeter é um sistema de criação de apresentações de slides que permite a interação em tempo real dos alunos com o conteúdo apresentado.

### CARACTERÍSTICAS DA FERRAMENTA

Nesse sentido, apresento o que é e como usar o Mentimeter utilizando algumas das principais características da ferramenta.

- Criação de apresentações interativas
- Coleta de pesquisas, dados e opiniões de participantes
- Obtenção de informações sobre os participantes com tendências e exportação de dados.
- Possui 13 tipos de perguntas interativas, incluindo nuvens de palavras e questionário
- Slides de conteúdo
- Dispõe de templates de apresentação
- Integra imagens gratuitas além de GIFs
- Modo apresentador bem fácil de usar
- Possibilita a interação anônima do público
- Possui filtros de palavras em vários idiomas
- Exportação dos dados em excel e pdf para análise
- Comparação dos dados ao longo do tempo com o Trends
- Segmentação das respostas
- Coleta de feedback por meio de pesquisas

Além disso, possui muitos outros recursos interessantes para facilitar a vida de quem, frequentemente, faz apresentações no seu dia a dia de trabalho.

No caso, utilizaremos dois dos recursos interativos da plataforma, a Nuvem de palavras: no qual o professor pede que os alunos categorizem um conteúdo, situação ou ideia utilizando apenas palavras. O número de palavras que o professor pode permitir por cada aluno é definida na plataforma. À medida que uma mesma palavra for utilizada por mais de um aluno, ela será mostrada em destaque. É uma boa atividade para avaliação da percepção geral do grupo sobre determinada temática. Neste tipo de atividade, pode ser interessante que o professor tenha controle sobre palavras inapropriadas, como palavrões, por exemplo, para que não sejam exibidas na tela. Neste caso, em “Configure”, na parte superior da tela, é possível aplicar filtros para a língua portuguesa.

O segundo recurso será o Escala: que é ideal para perguntas que envolvam respostas com categorizações. Ex: Numa escala de 0 a 5, como você se sente nesta quarentena? O aluno terá,

para cada alternativa, a opção de mover a barra para os valores de 0 a 5. O mentimeter mostrará um gráfico que represente as médias das respostas.

Enfim, oMentimeter é uma ferramenta ideal para interação síncrona, pois o professor precisa estar com determinado slide aberto em sua tela para que os alunos vejam a pergunta. Caso não esteja, os alunos terão acesso apenas às perguntas do último slide que o professor abriu. O ideal é que os alunos respondam às perguntas durante uma interação síncrona, como uma aula ao vivo, e o professor bloqueie o recebimento de novas respostas logo depois.

#### ATIVIDADE COMPLEMENTAR -2

Assim, a questão proposta para o recurso Nuvem de palavras é:

1) Observe: Os homens desequilibram o meio ambiente em que vivem, destroem as outras vidas existentes, este comportamento aparentemente normal e aceitável foi autorizado durante muito tempo pela crença de que o uso dos recursos da Terra é uma dádiva de Deus e encorajado por um sistema econômico que enfatiza os lucros a curto prazo. Da mesma forma, Emília manipula a natureza ao seu redor a seu favor. Qual palavra você usaria para definir as atitudes da Emília em suas próprias reformas?

Já a questão proposta para o recurso Escale é:

2) Em relação às moscas, Emília, considerava-as “ bichinhos inúteis e incômodos”, “ para que moscas no mundo”? Os pernilongos então, faziam com que dona Benta gastasse muito dinheiro com “ Flit” e provocavam febre amarela, malária e outras doenças. Era preciso então , eliminá-las .

A partir desses apontamentos do livro, podemos iniciar uma ampla discussão sobre o uso de inseticidas, bem como o fato dos insetos serem vetores transmissores de diversas doenças. Assim, você é a favor ou contra o uso de inseticidas para eliminar insetos e pragas na natureza? Numa escala de 0 a 10 comovocê classificaria sua opinião?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, o atual contexto pandêmico nos obrigou a alterar drasticamente nossa rotina de ensino tradicional. Professores, alunos, direção, equipe pedagógica e também os pais estão tendo que tentar fazer o possível (e o impossível!) para adequar-se às novas e repentinas demandas. Nesse momento, quando já nos encontramos no quinto mês de isolamento e sem previsão fiável de retorno, todos já acumulamos experiências baseadas no sucesso e insucesso de nossas tentativas.

Os pais e responsáveis dos mais pequenos estão sendo especialmente demandados pelo fato de terem que acompanhar e monitorar a realização das atividades dos seus filhos. Os professores, por sua vez, tiveram que se reinventar para contornar a ausência física e buscar imaginar meios de como seria possível manter a atenção dos alunos com os recursos disponíveis.

Levando todo esse contexto em consideração, a questão da integração entre mundo digital e ensino, no geral, nunca foi tão premente. São muitos os desafios e obstáculos ainda a serem encarados.

No presente trabalho, discutimos a importância atribuída pela nova BNCC aos recursos digitais. Oferecemos uma sugestão de abordagem da obra “A reforma da natureza” (Monteiro Lobato) baseada na associação de texto e conteúdo audiovisual disponível em plataformas de *streaming*, a saber, o *Youtube*, que pode, ainda, ser combinada com outros recursos, como: a contação de história por áudio (como vimos no *Exemplo 3*, p. 29 deste trabalho), vídeo-chamadas ao vivo (popularmente conhecidas como *lives*), uso de *slides*, etc. Esperamos assim ter contribuído para o prosseguimento da reflexão sobre a implementação de conteúdos digitais no ensino à distância.

No entanto, para alicerçarmos nossa discussão sobre a integração entre o ambiente virtual e a literatura infantojuvenil propôs-se a utilização de duas plataformas digitais como instrumento de ensino aprendizagem, onde fez-se o uso de um exercício objetivo através do aplicativo Kahoot, que é uma plataforma de aprendizagem virtual bastante simples e intuitiva, complementada com outra atividade de aprofundamento temático interdisciplinar, que pode ser transposta, por exemplo, através dos Formulários do Google – ou “Google-Forms” – recurso que vem sendo amplamente utilizado, juntamente da base Classroom, pelos professores no atual cenário pandêmico.

Já com o objetivo de disponibilizar mais uma atividade interdisciplinar que abrangesse a reflexão e a interação sobre a obra em estudo “A Reforma da natureza”, optou-se

também por utilizar o aplicativo Mentimeter, uma plataforma de apresentação interativa, poderosa e muito fácil de usar, com recursos que permitem preparar, apresentar e analisar apresentações, promovendo uma interação fantástica do professor com os alunos, tanto em tempos de aulas remotas, quanto em aulas presenciais.

Com tudo isso, acreditamos ter colaborado para a reflexão de diferentes temas inter-relacionados: da curiosidade criativa de Emília e sua inconformidade com a “natureza das coisas”; à sua argumentação para cada mudança proposta; e, sobretudo, ao uso combinado de um clássico (Lobato) com a tecnologia. Que este trabalho some a todos os outros que buscam um ensino de qualidade!

## REFERÊNCIAS

BARTON, Davi; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: abril de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais –Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: maio de 2020.

CARVALHO, Maria A. F.; MENDONÇA, Rosa H.(Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília. Ministério da Educação, 2006.

CHARTIER, Roger. Educação e história rompendo fronteiras. **Presença Pedagógica**. v. 06 n. 31, jan./fev., 2000.

DALVI, Maria Amélia. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013

GRERORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina da Silva. (Orgs.). **A literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

KAHOOT. [www.kahoot.it](http://www.kahoot.it). Acesso em: junho de 2020.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza**. São Paulo: Globo Kids, 2012.

MARTINS, Aracy Alves. **A leitura literária nos livros didáticos**. 2008. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2002/mp/tetxt5.html>>.

MENTIMETER. <https://www.ufjf.br/ciensinar/2020/08/21/criando-apresentacoes-interativas-com-mentimeter/>. Acesso em : setembro de 2020

PAIVA, FabríciaVellasquez. **A literatura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE 2005**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

SILVA, Raquel Sousa; MACEDO, Jhennefer Alves; SEGABINAZI, Daniela Maria. A literatura juvenil no ensino fundamental II: Avanços e recuos na base nacional comum curricular. In: **Revista de Estudos de Cultura**. UFS, nº 7 (jan./abr. 2017) – São Cristóvão: UFS.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Prefácio. In: GREGORIN FILHO et al. **A literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1999.

PAIVA, FabríciaVellasquez. **A literatura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE 2005**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes (Série Literatura em Foco), 2012.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **A produção cultural para a criança**. São Paulo: Editora Mercado Aberto, 1982.